

FESTIVAL DO BOI BUMBÁ NA AMAZÔNIA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA NA PERSPECTIVA DOS DIREITOS ANIMAIS

Pedro Farias Francelino

Wilder Kleber Fernandes de Santana

Resumo: Este trabalho objetiva refletir sobre as estratégias discursivas de espetacularização midiática do evento “O Festival do Boi Bumbá”, que ocorre anualmente em Parintins, no Amazonas, considerado a segunda maior festa popular no Brasil após o Carnaval do Rio de Janeiro. Partindo de uma contextualização histórica e os estudos animais, pretende-se analisar o modo como este festival populariza e humaniza negativamente a imagem do Boi, e como esse propósito é valorado por “partidos políticos” que escondem o sacrifício de gado para atender à indústria bovina. A proposta consiste em observar os discursos sobre defesa e proteção dos animais via documentários ligados aos Estudos Críticos Animais. Nesse sentido, analisa-se o discurso turístico e midiático acerca da espetacularização desse evento, bem como se discutem as orientações ideológicas e axiológicas promovidas por agências sem fins lucrativos frente à exploração e violência causada aos animais. Utilizam-se como abordagens teóricas as reflexões de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev sobre a noção de linguagem em perspectiva dialógica, bem como algumas pressuposições culturais de Sérgio Ivan Gil Braga, Verena Cansação da Silva Lemos e Tonzinho Saunier acerca do festival folclórico de Parintins-AM. A leitura dialógica do discurso que orbita em torno da temática do Festival do Boi Bumbá, em diálogo com os estudos animais, aponta para a necessidade de se reavaliarem as implicações de um olhar unilateral para o festival, visão que acaba omitindo de forma significativa os “efeitos colaterais” decorrentes dessa manifestação cultural para vida animal.

Palavras-chave: Dialogismo. Ecocrítica. Direitos dos Animais. Festival do Boi Bumbá.

Abstract: Parantins Folklore Festival is considered the second biggest festival of Amazonia after Carnival in Rio de Janeiro. By taking into consideration historical and animal rights perspectives, the present paper analyses the discursive strategies used by media through critical discourse analysis. As a touristic and mass media attraction, through the use of allegory, the festival hides animal sacrifice under ‘political party’ polarization to enhance the power of meat industry. By denouncing the fact, animal activists call the attention to the exploitation and violence towards the animals. The theoretical approaches used here are based on the dialogism according to Bakhtin, Volóchinov and Medviédev. Social cultural approaches such as those by Sérgio Ivan Gil Braga, Verena Cansação da Silva Lemos and Tonzinho Saunier, regarding folklore in Parantins, also complement the discussion. In general, the paper emphasizes the importance of considering the festival by taking into consideration the different aspects related to it. If not, the event will continue to produce negative consequences upon animal life.

Key words: Dialogism. Ecocriticism. Animal Rights. *Boi Bumbá* Festival.

Introdução

Este trabalho delimita como objeto de estudo “O Festival do Boi Bumbá”, que é considerado o segundo maior evento festivo popular no Brasil, após o Carnaval do Rio de Janeiro. O festival ocorre em Parintins-AM, uma ilha localizada na região central do Rio Amazonas. Considerada como o coração da floresta, a cidade é inacessível por estrada. No mês de junho, a pequena cidade de Parintins congrega milhares de pessoas de todos os lugares do Brasil. A associação ao Carnaval do Rio e o uso de figurinos similares promovem uma espetacularização de imagens, o que dá a impressão de uma dimensão quase “épica”, uma verdadeira apoteose de sonhos, desejos e fantasias.

No entanto, por trás do evento da espetacularização midiática, ao popularizar e humanizar a imagem do Boi, alguns partidos políticos mantêm uma triste realidade que esconde o sacrifício de gado para atender à indústria bovina. Contrariamente a esta perspectiva, os discursos sobre defesa e proteção dos animais têm sido amplamente influenciados por documentários ecocríticos. Nesse sentido, analisaremos o discurso turístico e midiático acerca da espetacularização do evento do “Festival do Boi”, bem como as orientações ideológicas promovidas por agências ecocríticas em relação à exploração e violência animais.

Utilizaremos como abordagens teóricas as reflexões de Bakhtin, Volochinov e Medviédev sobre a noção de dialogismo, bem como algumas pressuposições históricas de Sérgio Ivan Gil Braga, Verena Cansação da Silva Lemos e Tonzinho Saunier acerca do Festival Folclórico de Parintins-AM. Quanto às análises de base ecocrítica, Peter Singer e Gary Francione constituem vozes fundamentais na perspectiva da defesa dos direitos dos animais sobre rituais animais e libertação.

1. A concepção dialógica de linguagem de Bakhtin e o Círculo

A orientação dialógica da linguagem constitui a tese central dos escritos (filosóficos, literários e linguísticos) de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev, embora cada um desses pensadores tenha se debruçado sobre questões específicas em suas trajetórias de reflexão sobre a linguagem. Em torno dessa noção principal, orbitam outras não menos importantes e que são essenciais para a compreensão do funcionamento do discurso em uma comunidade de

falantes. Dentre elas, destacamos as noções de subjetividade-alteridade, enunciação-enunciado, discurso de outrem, signo ideológico, relações dialógicas, polifonia, carnavalização, para citarmos os mais refinados do ponto de vista da proposição teórica.

Para dar suporte à leitura dialógica que faremos, refletiremos sobre um conceito fundamental desses escritos, que é o de enunciado concreto, estando relacionados a eles, além de alguns dos já mencionados acima, o de expressividade, estilo, entonação avaliativa, endereçamento etc.

No ensaio *Os gêneros do discurso* (2016, [1952-1953]), Bakhtin desenvolve de forma detalhada a concepção de dialogismo ao estabelecer uma contundente diferenciação entre o enunciado concreto, compreendido como unidade da comunicação discursiva, e a oração, entendida como unidade da língua. Nesse paralelo, o autor destaca algumas particularidades do enunciado que o distinguem da oração, quais sejam: a alternância dos sujeitos falantes, a conclusibilidade relativa e a relação entre o enunciado e o falante, bem como com os outros parceiros da comunicação discursiva. Essas três especificidades do enunciado, resguardada toda a complexidade e profundidade de cada uma delas, apontam para a dimensão dialógica da linguagem na medida em que propõem a constituição do sujeito – e seus discursos, evidentemente – pela relação alteritária com o outro – e, conseqüentemente, com o discurso do outro.

Nesse sentido, o enunciado, considerado por Bakhtin (2016 [1952-1953]) a unidade da comunicação discursiva, constitui o material semiótico (verbal ou verbo-voco-visual) no qual se encarnam as mais diversas manifestações ideológicas e, de forma singular, as posições axiológicas de cada sujeito enunciatador nas/das mais diferentes esferas de utilização da linguagem, como a midiática, a política, a religiosa, a estética etc.

Na concepção de linguagem proposta pelo chamado Círculo de Bakhtin, o enunciado constitui um elo da complexa rede de outros enunciados, estabelecendo com todos eles relações dialógicas de variados níveis e graus de complexidade. O enunciado encontra, em seu curso natural na comunicação discursiva, os enunciados de outrem, já impregnados das intenções e dos pontos de vista desse(s) outro(s), com o(s) qual(is), inevitavelmente, adota uma compreensão responsiva ativa de concordância-discordância, convergência-divergência, tolerância-intolerância, não necessariamente de forma dicotômica. Portanto, há uma reação à palavra do outro, à visão de mundo do outro, de modo que, ao entrelaçar-se com o discurso alheio, o enunciado adentra um espaço saturado de diferentes posições axiológicas. Segundo Bakhtin (2016, p. 54, destaques nossos),

[...] a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma *interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros*. [...] Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos.

Essas relações dialógicas são possíveis porque cada enunciado efetivamente produzido em um determinado campo da comunicação discursiva marca a posição ideológica/axiológica do sujeito que o produziu frente aos objetos de discurso (ou, na terminologia dos pensadores do Círculo, em alguns escritos, o *herói*) sobre os quais enuncia. Nessa perspectiva, a diretriz dialógica do enunciado é um processo natural, constitutivo, condição da qual ele não pode fugir, e nossa consciência, constituída socialmente, só se manifesta de forma concreta em enunciados, verbalmente expressos ou não, considerando que o discurso interior também é um enunciado concreto produzido na tensão entre os discursos que circulam socialmente. Isso não significa que nossas produções de linguagem se deem num espaço socioverbal pacífico; pelo contrário, muitas vezes, surgem da tensão entre cosmovisões de mundo díspares, contraditórias e muito divergentes. Bakhtin (2016, p. 59, destaque do autor) ilustra melhor essa ideia ao afirmar que

O enunciado é pleno de tonalidades dialógicas, e sem levá-las em conta é impossível entender até o fim o estilo de um enunciado. Porque a nossa própria ideia – seja filosófica, científica, artística – nasce e se forma no processo de interação e luta com os pensamentos dos outros, e isso não pode deixar de encontrar o seu reflexo também nas formas de expressão verbalizada do nosso pensamento.

Outro aspecto fundamental do enunciado é o fato de que ele é destinado a alguém, ou, nos termos bakhtinianos, o enunciado tem um *endereçamento*. O destinatário do enunciado exerce sobre este uma influência determinante, a ponto de definir, por exemplo, o estilo, isto é, as formas linguístico-composicionais de que o autor do enunciado lançará mão para concretizar seu propósito enunciativo. Esse destinatário ocupa, no contexto de qualquer comunicação socioverbal, um perfil muito complexo e heterogêneo, podendo ser o interlocutor imediato da interação ou até mesmo o representante de uma coletividade, de um grupo social amplo e variado, ou então de um segmento específico (um líder sindical, um gestor público, um chefe etc.). A concepção que o falante (ou o que escreve, se for o caso) tem de seu destinatário certamente constitui um fator decisivo na escolha dos meios linguísticos para a construção do enunciado.

Esse aspecto do endereçamento que orienta a seleção dos meios para a realização do enunciado está diretamente relacionado ao fato de o enunciado já antecipar, em certa medida,

a resposta do outro; é como se, no ato enunciativo, presumíssemos o que o outro dirá, como se objetássemos as respostas do interlocutor e, a partir disso, antecipássemos-nos em nossas formulações, em nossos posicionamentos axiológicos. Sobre isso, afirma Bakhtin (2016, p. 63-64, destaque do autor):

Ao falar, sempre levo em consideração o campo aperceptivo da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias – tudo isso irá determinar a sua ativa compreensão responsiva do meu enunciado. Essa consideração irá determinar também a escolha do gênero do enunciado e a escolha dos procedimentos composicionais e, por último, dos meios linguísticos, isto é, do *estilo* do enunciado.

Essas formulações corroboram a natureza dialógica do discurso e revelam a dimensão alteritária constitutiva dos enunciados que produzimos. Estamos irremediavelmente enredados nos discursos de outrem, de modo que nossas palavras movimentam-se num universo discursivo no qual se (des)encontram, se (des)entendem, se (re)significam. Ainda sobre esse aspecto da diretriz centrada no ouvinte/interlocutor, podemos encontrar proposição semelhante elaborada por Bakhtin no ensaio *Teoria do romance: a estilística*, segundo o qual

O falante procura orientar sua palavra – e o horizonte que a determina – no horizonte do outro que a interpreta, e entra em relações dialógicas com elementos deste horizonte. O falante abre caminho para o horizonte alheio do ouvinte, constrói sua enunciação em território alheio, no campo aperceptivo do ouvinte. (BAKHTIN, 2015, p. 55-56).

Nesse ensaio, da década de 1930, Bakhtin elabora sua teoria do romance, estabelecendo as bases para a definição desse tipo de enunciado como gênero literário (e, conseqüentemente, do discurso), dado o pouco prestígio de que este gozava no âmbito da tradição estilística, cujo foco de atenção recaía sobre a poesia. Nesse contexto, ele postula que o gênero romance constitui-se, conceptual e composicionalmente, de uma variedade de linguagens sociais, concebidas como visões de mundo, pontos de vista, cosmovisões, manifestadas sob as mais variadas formas linguístico-discursivas.

Essa definição se estabelece mediante em contraposição à poesia, cujo sistema de linguagem pressupõe um autor único, uma língua única, não estratificada socialmente, ou, nas palavras de Bakhtin (2015, p. 61), “O estilo poético está convencionalmente desligado de qualquer interação com o discurso do outro, de qualquer mirada para o discurso do outro.” Já o romance caracteriza-se com uma realidade heterodiscursiva, pluriestilística, heterovocal. O romance, nesse sentido, é o gênero que congrega uma pluralidade de linguagens e o prosador

é o sujeito que orchestra uma variedade de línguas (pontos de vista). A língua única e comum centraliza o pensamento verboideológico, suplantando o heterodiscurso mediante a centralização e a unificação linguístico-estilística da consciência que fala no romance.

Retomando o aspecto dialógico do discurso, nesse ensaio, encontram-se formulações que reiteram a tese dos pensadores do Círculo acerca do funcionamento do discurso. Um dos momentos emblemáticos nesse texto é o que esclarece a natureza dialógica do enunciado. Diz Bakhtin (2015, p. 49):

Ora, todo discurso concreto (enunciado) encontra o objeto para o qual se volta sempre, por assim dizer, já difamado, contestado, avaliado, envolvido ou por uma fumaça que o obscurece ou, ao contrário, pela luz de discursos alheios já externados a seu respeito. Ele está envolvido e penetrado por opiniões comuns, pontos de vista, avaliações alheias, acentos. O discurso voltado para o seu objeto entra nesse meio dialógicamente agitado e tenso de discursos, avaliações e acentos alheios, entrelaça-se em suas complexas relações mútuas, funde-se com uns, afasta-se de outros, cruza-se com terceiros; [...].

Essas considerações tecidas até o momento são suficientes para compreendermos o modo como se dá a tensa relação entre discursos no espaço social. Evidentemente, há vários momentos nesses dois ensaios reportados em que Bakhtin desenvolve e aprofunda a reflexão sobre a natureza dialógica e axiológica do enunciado. Para efeito da leitura a ser empreendida mais adiante, o conceito de enunciado em perspectiva dialógica contempla adequadamente o olhar sobre o tema, embora não de forma exaustiva.

A orientação dialógica e, portanto, social do discurso também está presente nos escritos de Volochinov. Na obra *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (2017 [1929]), Volochinov estabelece uma densa reflexão acerca da realidade fundamental da língua. Para isso, ele apresenta uma crítica rigorosa a dois sistemas hegemônicos do pensamento filosófico-linguístico de sua época: o objetivismo abstrato e o subjetivismo individualista.

Os representantes do objetivismo abstrato, caudatários da Escola de Genebra (Ferdinand de Saussure), postulavam que a língua era exterior à consciência individual, um sistema abstrato de normas fixas, imutáveis e incontestáveis. Um dos mais graves equívocos do objetivismo abstrato foi o de isolar a língua de seu contexto extraverbal, de seu conteúdo ideológico, consistindo numa análise de elementos abstratos, desvinculados da comunicação discursiva, das enunciações. O subjetivismo individualista, por sua vez, sentava suas bases na concepção de enunciação monológica, isto é, como um ato individual de utilização da língua, como expressão de estados psíquicos do sujeito falante (desejos, intenções, impulsos criadores, gostos etc.).

Volóchinov contrapõe-se às formulações dessas correntes, apresentando as limitações das duas e, como síntese, apresentando uma perspectiva sociológica para a definição da realidade da língua: a interação verbal. Nesse sentido, esse conceito de interação verbal constitui um ponto nodal no arcabouço teórico-metodológico usado pelo autor para corroborar a tese da natureza dialógica da linguagem. Em alguns momentos dessa reflexão encontramos algumas formulações que dão consistência a essa compreensão:

Efetivamente, o enunciado se forma entre dois indivíduos socialmente organizados, e, na ausência de um interlocutor real, ele é ocupado, por assim dizer, pela imagem do representante médio daquele grupo social ao qual o falante pertence. *A palavra é orientada para o interlocutor*, ou seja, é orientada para *quem* é esse interlocutor [...]. (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 204-205, destaques do autor).

O conteúdo da citação acima corrobora a discussão que vimos apresentando aqui a partir dos textos já citados anteriormente. Destacamos, especialmente, dois aspectos que reiteram o que fora expresso nos dois outros ensaios de Bakhtin: primeiramente, a forma como a linguagem/ discurso/ enunciado concentra essa vocação para o outro, para o que está fora de si, tendo em vista que o signo/discurso/linguagem não apenas reflete, mas refrata uma realidade; e, em segundo lugar, o perfil ou estatuto desse outro, isto é, “para *quem* é esse interlocutor...”. O interlocutor, no processo de interação verbal – em consonância com o que já fora exposto – define a maneira como o falante organizará seu enunciado direção ao seu auditório social, decorrendo daí todas as suas escolhas estilísticas, como já visto nas formulações bakhtinianas. Tecidas essas considerações de base, passemos às considerações acerca do festival.

2. As origens do Festival “Boi Bumbá” e suas modificações políticas

As origens do folclore brasileiro estão condensadas em três elementos subjetivos básicos: o índio, o branco e o negro. Assim, na maior parte das manifestações folclóricas brasileiras, podem-se encontrar rastros das três culturas que se misturam, fundindo-se numa só. Lemos (2005, p. 46-47) nos ajuda a compreender um pouco o que havia de concreto nessas culturas:

As manifestações de origem indígena são as fábulas e contos cujos heróis são bichos das matas das regiões brasileiras, tais quais: onça, jabuti, raposa, urubu, etc. Vários mitos, sobretudo de metamorfose, como: o Boitatá, o Curupira, o Saci-pererê, a Iara, etc.

As manifestações de origem portuguesa têm como fonte principal a base cultural, representada pela língua, a religião, os costumes e tradições da Península Ibérica, que trazem a marca da civilização do Velho Mundo. Contos populares da literatura universal vieram com os portugueses, adaptando-se ao novo ambiente e adquirindo o colorido da terra, como: Pedro Malasartes, a Gata Borralheira, o Chapeuzinho Vermelho, a Madrasta, as fadas.

As manifestações de origem africana são a mistura de crenças religiosas, rituais característicos, como o candomblé, a macumba e a umbanda. Cultos às divindades de origem africana, identificados por força das circunstâncias aos santos da religião católica: Iemanjá, Ogum, Oxalá, Iansã e outros.

Assim, a autora esclarece que o folclore de Parintins se originou, certamente, com os primeiros habitantes da ilha, e seriam representados pelos “maués, sapopés, mundurucus, parintintins, pataruanas, paraueris, paravianas, tupinambás, tupinambaranas e uaipixanas”. (LEMOS, 2005, p. 47). No folclore de Parintins, encontram-se elementos históricos retratados pela historiografia amazônica e pelas tradições do lugar, desde lendas, mitos, credences e canções dos índios até outras tradições populares dos portugueses e africanos. Para essa especificidade, o folclore se refere a um contexto amazônico, resultado da criatividade dos parintinenses, os quais agiram para fortalecer a tradição popular para externar uma sabedoria que se expressa de várias formas, entre as quais pelo Boi-Bumbá.

O Boi-Bumbá constitui-se como uma manifestação folclórica do Maranhão, trazida para a Amazônia pelas primeiras levas de migrantes oriundos daquele estado – povoadores brancos da região do extremo norte (SOUZA, 1987). A Festa do Boi é a representação (interpretação ou, ainda, encenação) da lenda do Boi-bumbá. A história é narrada da seguinte maneira:

Grávida, Mãe Catirina deseja comer a língua do boi mais bonito da fazenda onde vive, o que leva seu marido, o peão Pai Francisco, a matar o animal de estimação de seu patrão. O homem é descoberto e preso. Para salvar o boi, o amo manda chamar um médico e um padre, que acabam conseguindo ressuscitar o animal. Pai Francisco é perdoado e todos iniciam uma grande festa. Trazido do Maranhão, o espetáculo de Parintins ganhou algumas adaptações: o médico virou um pajé, a presença do negro foi substituída pela do índio e a prisão do matador só é conseguida com a ajuda de uma tribo indígena. A história registra a existência de outros bois-bumbás anteriores aos atuais bois Garantido e Caprichoso. Entre 1910 e 1912, surgiu o boi Diamantino do piauiense Ramallete. Em 1913, surge o Boi Caprichoso, que inicialmente chamava-se Galante, trazido de Manaus por Emídio Vieira; em 1915, o boi Fita Verde do Aninga, de Izídio Passarinho, e, em 1913, o Boi Garantido, criado pelo poeta popular e folclorista Lindolfo Monteverde. (LEMOS, 2005, p. 48-49).

Nas décadas de 1930 a 1960, já eram percebidas as danças dos bumbás, dos cordões de pássaros e de peixes e das pastorinhas, que ficavam nas residências ou pouco mais à frente, no intuito de animar o povo, que os acompanhava. Diversos cordões de pássaros ficaram famosos à época, tais como: o rouxinol do Florival telegrafista, o Bem-te-vi e a Gaiivota do Venâncio. O tangará marcou época na década de 60.

No período carnavalesco, surgem sempre mais manifestações desses ritos populares, a exemplo da Barca Misteriosa, o Cordão de Bode, o Vaso de Guerra e o Navio Fortaleza que intensificam a alegria das noites, com seus encontros e batalhas navais, fogos de artifício e ronqueiras¹. Após os ritos de batalhas, a população se confraternizava na festa do fogueiro.

Conta a história que, por mais de sete anos, o quintal da residência de Lindolfo foi palco para a festa desse boi. Após muito esforço, esse rapaz conseguiu convencer sua mãe, Alexandrina Monte Verde, a apoiá-lo na fabricação dos primeiros chapéus e camisas vermelhas, para que seu boi pudesse ser apresentado nas ruas da cidade. Desse episódio, o Boi foi conquistando, ao longo de décadas, a simpatia e a participação ativa de milhares de pessoas do Brasil e do mundo, mantendo vivas as raízes do Amazonas, através de duas grandes modalidades corporais: música e dança. As cores que predominam no festival do Boi Garantido são a vermelha e a branca. O Boi é branco e deve possuir um coração na testa.

Nesse sentido, Saunier (2003) afirma, dentre outros fatores históricos pertinentes, que o Festival Folclórico, criado em 1966, trouxe consigo raízes de uma população que passou a organizar uma modalidade de disputa para disciplinar o confronto entre os dois bois: o Garantido e o Caprichoso.

O evento foi organizado por um grupo de jovens ligado à igreja, a Juventude Alegre Católica (JAC). Segundo Raimundo Muniz, um dos mentores do festival, o grupo organizou a competição porque a população já não conseguia mais conviver com a violência, desencadeada toda vez que os brincantes se encontravam nas ruas. Outra versão afirma que a motivação foi financeira. Supostamente, a associação teria criado o festival com a finalidade de arrecadar recursos para as promoções da igreja. (SAUNIER, 2003, p. 201).

Conforme se observa acima, a Igreja Católica, dentre outras instituições que pudessem estar envolvidas na manifestação/divulgação do Festival do Boi, passou a atuar de forma político-econômica, detendo parte do poder aquisitivo e servindo de influência na promoção de atividades festivas.

3. O discurso da espetacularização: show de imagens no festival do boi

Com o advento do festival, enquanto espetacularização cultural, os bois passaram a ser apresentados em um tablado, sendo avaliados em seis pontos: marcação, organização, vestuário, ritmo, animação e opinião pública. Desse modo, o julgamento era o primeiro passo

¹Lemos (2005) nos esclarece que são artefatos pirotécnicos constituídos por um cano de ferro, preso a um cepo cheio de pólvora, que produz grande efeito visual quando se lhe inflama a escorva.

para o que viria a ser a competição, cujas consequências geraram gostos para o título de campeão e o troféu.

O festival, a partir do instante em que despertou o interesse e a participação da população, suscitou também a confluência de interesses político-econômicos para a festa. A Juventude Alegre Católica organizou o festival apenas até 1982; em 1983, a Prefeitura de Parintins assumiu para si a tarefa de organizar, contando com ajuda midiática para divulgação. Um grande avanço foi dado na história do boi-bumbá, a partir do momento em que o poder público começou a constituir o evento: o espetáculo festivo passou a contar com investimentos governamentais na infraestrutura e na divulgação.

O *Jornal da Ilha* (Caderno Cidade, 2005), de Parintins, já registrava que a competição entre os bois ocorria tradicionalmente durante os dias 28, 29 e 30 de junho, até 2004. Não obstante, no decorrer de 2005, passou a ocorrer durante o fim de semana, nos dias 24, 25 e 26 de junho – sexta-feira, sábado e domingo – com o intuito de propiciar maior fluxo de turistas, uma vez que, quando coincidia de o Festival ocorrer em fins de semana, o fluxo de visitantes aumentava.

Valentin/Cunha (1999) pontuam, por sua vez, que a preparação para a festividade começava após o Carnaval e se estendia até os dias em que aconteciam as apresentações dos bumbás. O período de maior investimento na preparação ia de abril até meados do mês de junho, por ser constituído por diferentes ações:

negociação de recursos, contratação de artistas, realização de festas, ensaios, treinamentos e a produção artística. Todo esforço é feito para antecipar os mínimos detalhes, de modo que no festival a atenção esteja fixada apenas nos acabamentos. (VALENTIN/CUNHA, 1999, p. 145).

Na ótica de Braga (2002, p. 22 *apud* Lemos, 2005, destaques nossos), a espetacularização se materializa da seguinte maneira:

...nos três dias em que os bumbás fazem suas exibições, **eles estão sob os holofotes da mídia, de organizações e de uma platéia externa. Nesses dias Parintins torna-se palco do público de fora seja por causa dos turistas que vão assistir ao espetáculo ou pela cobertura feita pela imprensa do país e do exterior.** Este fato é importante porque tem influenciado no crescente investimento financeiro para a organização do festival e para a produção artística dos bumbás, bem como na qualidade do que se exhibe. O espetáculo é, de fato, grandioso, constituído por enormes alegorias, luxuosas fantasias e efeitos de luz e de som cada vez mais sofisticados. Não é à toa que os bois já estão contratando empresas de engenharia para a montagem do aparato de efeitos de luz nas apresentações. A magnitude do espetáculo, aliado ao lugar onde se realiza, são elementos relevantes nas manifestações de estranheza e espanto presentes em avaliações de parte da mídia sobre Parintins. O visitante chega a estranhar o fato de ser possível a realização de evento de tamanha magnitude em plena floresta amazônica. (grifos nossos).

A produção artística de cada bumbá é resguardada com cuidado rigoroso. Por isso, quando se inicia a elaboração dos materiais que serão apresentados no Festival, fica restrito o acesso aos locais de trabalho dos artistas. Vale ressaltar que o período de preparação dos bois é marcado por eventos particulares, tais como: “A festa de lançamento do disco de cada um, a contratação dos artistas que trabalham na produção artística, os bailes que marcam o início dos ensaios”. (LEMOS, 2005, p. 59). Todos esses eventos são realizados pelos bumbás, e durante o evento, marca-se o compasso de outros eventos ligados ao Festival.

Em termos econômicos, deve-se acrescentar que, nesse conjunto de fontes de captação de recursos, há uma imensidão de CDs que cada bumbá coloca no mercado, com as músicas que serão aproveitadas nas apresentações.

Dentre os mais diversos discursos relacionados à espetacularização, estão as fontes de captação dos recursos financeiros. A Coca-Cola, por exemplo, é considerada a principal fonte de patrocínio do Festival, uma vez que financia os bumbás, ao fazer a divulgação e pela premiação do vencedor. Mais que isso: “os investimentos mais importantes para a Coca-Cola têm sido a promoção que a empresa realiza junto a celebridades do país e do exterior. Pessoas famosas e de prestígio são convidadas para assistir ao espetáculo em Parintins”. (LEMOS, 2005, p. 59). Em contrapartida, ainda de acordo com a autora, a empresa detém o direito da venda de refrigerantes nos eventos realizados pelos bois.

4. O que há por trás do “Festival do Boi”: injunções ideológicas através da ecocrítica

Nos setores internos de toda uma construção de espetacularização do Festival do Boi, proliferam-se cenas de sofrimento e maus tratos aos animais. Aos próprios olhos da plateia de Parintins, na disputa entre os bois, um situa-se como espelho do outro, em representação explícita do confronto. Um conjunto simbólico de cores e frases expressa suas identidades. “O simbolismo resultante define o jogo da rivalidade entre os bumbás, assim como o lugar de ambas no contexto da cidade e, algumas vezes, fora dela”. (LEMOS, 2005, p. 71).

Conforme Weil (2014), o crescimento midiático do Festival, após ter atraído milhares de turistas, impulsionou expressiva elevação do Trabalho Informal, exercido tanto pelos habitantes da Ilha quanto por trabalhadores circunvizinhos. Sob olhar ecocrítico, averiguamos que a realização deste evento acarreta problemas potenciais para o município de Parintins, dentre os quais estão o aumento da violência, submissão dos animais a péssimas condições de

sobrevivência, a prostituição e a massiva produção de resíduos sólidos, o que, por sua vez, é considerado um dos principais impactos ambientais ocasionados pela festa. No tangente à violência prestada aos bois, a expressão “contrário” é utilizada para substituir o nome do adversário, o seu “outro”.

Assim, quando alguém com vínculos a um bumbá refere-se ao adversário, o faz com a expressão contrário. A palavra era utilizada no passado quando o boi de um bairro rivalizava com o de outro em confrontos normalmente marcados pela violência. Esse período foi caracterizado também pela perseguição da polícia aos bois. Assim, desde essa época, pronunciar o nome do adversário era tabu, por isso, evitado. (LEMOS, 2005, p. 71).

Na perspectiva dos trabalhos do Círculo de Bakhtin, a realidade nunca é dada ao sujeito de forma direta, transparente, mas é dada a conhecer pelos valores impregnados nas semioses que a materializam, isto é, a realidade é refratada, é expressa em signos verbais e não verbais que veiculam os pontos de vista dos sujeitos enunciadore. No caso do Festival em análise, é exposta ao grande público a ideia de que a festa só traz grandes benefícios à população, desde econômicos até culturais, quando, na verdade, oculta a forma como os animais são mal tratados nesses espetáculos.

O intenso processo migratório que vem ocorrendo desde que houve ampla divulgação midiática do Festival de Parintins acarretou não apenas o aumento da população urbana no município de Manaus, como agravou problemáticas já existentes, como: os assentamentos irregulares e a excessiva produção de lixo provocada pelo aumento da população, o contrabando e o impacto ambiental gerado pelo desmatamento para a construção de conjuntos residenciais. Nessa linha analítico-discursiva, a beleza propagada no Festival Folclórico não condiz com a realidade do município de Parintins, uma vez que fauna e flora estão comprometidos pela ação antrópica.

Dialogando com a perspectiva dialógica bakhtiniana, essa outra forma de ver o festival, do ponto de vista crítico, é possível na medida em que se verifica que o discurso veiculado pela mídia na divulgação do evento “fecha” o heterodiscurso inscrito nessas enunciações, uma vez que vela/mascara outra(s) realidade(s), tais como as apontadas no parágrafo anterior. Nesse sentido, os enunciados produzidos pela mídia que difunde o festival são dados como não sujeitos a réplicas, a contestações, ocultando as implicações decorrentes dessa festa.

Acerca desses rituais de exploração e maus tratos animais, apoiamo-nos nas perspectivas de Singer (2008 [1975]), o qual questiona o uso e a exploração dos animais não-humanos na indústria de experimentação, alimentação e entretenimento e de Francione (2013

[1954), defensor do “Abolicionismo Animal”. O posicionamento de enfrentamento e de resistência de Singer contra a exploração animal, e sua constante submissão ao humano, representou um grande avanço no sentido dos Direitos Animais, que, por sua vez, têm despertado estudos com base em políticas públicas e garantia dos direitos animais no Brasil.

O filósofo australiano, direcionado pela ótica discursiva do psicólogo britânico Richard Ryder, conceituou como *preconceito especista* a discriminação moral que tenta justificar a razão arbitrária da espécie. Para Singer, do mesmo modo como há uma recusa aos preconceitos de raça e sexo no tocante aos animais humanos, só se alcançará a verdadeira igualdade a partir da recusa ao preconceito especista².

Se um ser sofre não pode haver qualquer justificativa moral para deixarmos de levar em conta esse sofrimento. Não importa a natureza do ser, o princípio da igualdade requer que seu sofrimento seja considerado em pé de igualdade com os sofrimentos semelhantes [...] o limite da senciência [...] é a única fronteira defensável de consideração dos interesses alheios. [...]. Os racistas violam o princípio da igualdade ao conferirem mais peso aos interesses de membros de sua própria raça quando há um conflito entre seus interesses e os daqueles que pertencem a outras raças. Os sexistas violam o princípio da igualdade ao favorecerem os interesses de seu próprio sexo. Analogamente, os especistas permitem que os interesses de sua própria espécie se sobreponham àqueles maiores de membros de outras espécies. O padrão é idêntico em todos os casos. (SINGER, 2008, p.10-11).

Singer conclama a personificação desses animais para que possam figurar como sujeitos de direitos, e não apenas como meros seres de submissão, ou de exploração.

O pensamento de Francione (1954) representa, na atualidade, o movimento conhecido como “Abolicionismo Animal”, que propõe a completa extinção da exploração dos indivíduos não humanos. O direcionamento inicial de enfrentamento do especismo seria desmistificar o status de objeto de direito (propriedade/coisa) conferido aos animais. No horizonte teórico do filósofo (2013 [1954], p. 27), “A razão da profunda inconsistência entre o que dizemos sobre os animais e como realmente os tratamos é o status, ou a condição, dos animais como nossa propriedade. Os animais são mercadorias que possuímos e cujo único valor é aquele que nós, como proprietários, escolhemos lhes dar”.

Faz-se de extrema importância notar que as atribuições que se fazem aos animais, ou a percepção que é construída dos mesmos, está diretamente ligada, em parte, às condições sócio-econômicas e comerciais de determinada região, o que engloba seus aspectos culturais. Descreve Weil (2014, p. 63), com relação a Parintins, que,

² O preconceito especista reside basicamente na ideia infundada de grande parte dos seres humanos de que a espécie humana é superior às demais espécies, e que por este motivo tem total direito de apreendê-las, dominá-las, sem quaisquer justificativas.

Nos últimos anos, o município passou por mudanças em todas as esferas que impactaram principalmente o contexto econômico e social. Estas modificações, entendidas pela população como desenvolvimento, são atribuídas principalmente em razão da realização do festival. Entretanto, a festividade tem como reflexo o agravamento de uma série de problemas como a violência, a prostituição, a propagação de doenças e o aumento do trabalho informal dado à escassez de emprego no município.

Como podemos perceber, o Festival promove, também, reflexos de problemáticas sociais no município. Mas não apenas isso. Sabemos que a condição (ou status) dos animais como propriedade é colossal. Nesse sentido, segundo Francione, “De fato, a evidência histórica indica que a domesticação e a posse de animais estão intimamente relacionadas com o desenvolvimento das próprias ideias de propriedade e dinheiro.” (2013 [1954], p. 27). O olhar do filósofo aponta para o fato de que, através da aplicação do princípio da igual consideração a todas as espécies, “devemos tratar casos semelhantes semelhantemente.” (FRANCIONE, 2013 [1954], p. 27).

Nesse sentido, em uma sociedade refletida e refratada por costumes tradicionalmente institucionalizados, nossas reflexões apontam para acontecimentos extra-discursivos, ou seja, para os casos de maus tratos e exploração animal, assim como demais problemáticas. Existe a criação e circulação de discursos que não condizem com a realidade mostrada, mas sim com a proposta da espetacularização, tendo em vista os lucros e a reunião massiva de pessoas que patrocinam financeira e midiaticamente o evento.

A leitura dialógica do discurso que orbita em torno da temática do Festival do Boi Bumbá, em diálogo com os estudos ecocríticos, aponta para a necessidade de se reavaliarem as implicações de um olhar unilateral para o festival, visão que acaba omitindo de forma significativa os “efeitos colaterais” decorrentes dessa manifestação cultural. As reflexões dos autores apontam a abrangência dos problemas advindos dessa festa, os quais vão desde os impactos ambientais (fauna e flora) até os de ordem social e econômica. Nesse sentido, a noção de enunciado como produção de discurso que veicula um posicionamento axiológico-ideológico constitui, juntamente com os pressupostos da ecocrítica, uma importante ferramenta de análise dos aspectos negativos da proposta e do funcionamento desses eventos culturais.

6. Referências

BAKHTIN, M. **Teoria do romance I: A estilística**. Tradução, prefácio notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015.

_____. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

BRAGA, Sérgio Ivan Gil. **Os Bois-Bumbás de Parintins**. Rio de Janeiro: Funarte, 2002, pp.20 a 22.

FRANCIONE, Gary L. **Introdução aos direitos animais**. Tradução de Regina Rheda. Campinas: Editora Unicamp, 2013.

JORNAL DA ILHA. Parintins. 08 de março de 2005, caderno Cidade, p. 10.

LEMOS, Verena Cansação da Silva. **O Festival Folclórico de Parintins**. Monografia apresentada como requisito Para conclusão do curso de bacharelado Em Turismo do Centro Universitário de Brasília UNICEUB. BRASÍLIA, DF. 2005.

SAUNIER, Tonzinho. **Parintins: Memória dos Acontecimentos Históricos**. Manaus: Valer/ Governo do Estado do Amazonas, 2003. p.201.

SINGER, Peter. **Libertação Animal**. Tradução por Marly Winckler. Porto Alegre, São Paulo: Lugano, 2008.

SOUZA, João Jorge. **Parintins: A Ilha do Folclore**. Manaus: Grafitec, 1987.

VALENTIN, Andréas; CUNHA, Paulo J. **Caprichoso: a terra é azul**. Rio de Janeiro: Ponto de Vista Comunicação, 1999, p.p. 131 a 132.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

WEIL, Andreza Gomes. **A realidade fora da arena: a dinâmica (in)sustentável do trabalho informal no festival folclórico de Parintins – Amazonas**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós Graduação em Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia (UFAM), sob orientação da Prof^a. Dr^a. Marinez Gil Nogueira. Manaus, 2014.